

Pto
D.
Rua
P C

ENÇA



Gaiato

29 DE ABRIL DE 1972
ANO XXIX — N.º 734 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



Quadros da nossa vida — É um quadro lindo pintado por Grande Artista. Ao fim da tarde de costume reunir-me ora com um grupo, ora com outro dos nossos Rapazes, desde os mais pequeninos aos mais velhos. É um encontro diferente dos outros encontros durante o dia. É o pai de família, é o irmão mais velho sobre quem cai a grande responsabilidade da formação e estruturação do homem de amanhã, que quer ajudar os que Deus lhe confiou. Naquele fim de tarde éramos treze. O grupo era o dos mais pequeninos. Conversávamos sobre assuntos sérios, próprios para as suas idades. O quadro era, de verdade, belo. Cada um de sua terra. Uns de mais longe, outros de mais perto. Cada um de sua cor. Somos o conjunto mais belo da terra!

Falávamos da família. Era o tema do momento. Cada um tem direito a uma família humana. Tem direito a crescer numa família. Era assunto delicado. Não queria avivar feridas já cicatrizadas umas e outras em vias disso. Por esse motivo não perguntei pela sua família natural. Conhecia a his-

tória de cada um. Tive receio de magoar e de fazer chorar. Alguns deles não conheceram nunca o pai, nem a mãe, nem irmãos. Iamos conversando. Cada um tem necessidade de um pai, de uma mãe, de irmãos. Disse-lhes que não ficassem tristes. E não estavam, de verdade. Porque? O retoque deste quadro lindo; a última pincelada, foi dada por um deles: «Todos estes são meus irmãos».

Quando vós, pais e mães, ajudardes os vossos filhos a descobrir outros irmãos fora das paredes do vosso lar; quando vós, pais e mães, estenderdes a

Cont. na QUARTA página

A nossa Festa, como sabem, está marcada para 11 de Maio próximo. A azáfama é grande cá por Casa. Todos estão empenhados em corresponder. Esperamos também a vossa correspondência, quero dizer, o vosso amor, traduzido em presença estimulante e interessada. A Festa também é vossa.

x x x

«Pedimos a todos que se lembrem dos milhões de crianças necessitadas, sem lar e esfomeados, em todos os países do Mundo».

O apelo vem-nos de Roma, lançado da Cátedra de Pedro. Nosso o tomamos em relação à esfera de acção que nos compete. Os problemas avolumam-se de dia para dia e os pedidos que nos chegam de toda a parte, já trinta e seis, no ano em curso, não podem encontrar resposta pronta e adequada. Por isso sofremos e, se precisamos de sentir a pequenez e as limitações inerentes à nossa con-

Aqui, Lisboa!

dição humana, há que encarar a realidade tal e qual ela é. O que conseguimos fazer, pouco ou nada representa ante o volume caudaloso das misérias existentes. Há que ir à raiz das questões e procurar prevenir, realizar a justiça e reprovocar a injustiça, introduzir os valores onde eles estão ausentes, incutir o sentido do dever em cada um e amar. Só assim o Mundo será mais feliz, pela diminuição do número e da natureza das desgraças. Haja, pois, quem queira seguir os caminhos apontados e dispôr-se a servir. Todos juntos, não seremos demais.

x x x

As nossas oficinas estão na fase dos acabamentos, período necessariamente moroso e contudente. Os dois mil contos que, mais ou menos, lá

estão investidos, vieram exclusivamente do trabalho próprio e das ajudas dos nossos Amigos. Trata-se de um verdadeiro milagre, que não sabemos, pois, explicar e nos confunde. Para a instalação da cabine eléctrica que há-de alimentar as máquinas e fornecer a energia à Aldeia, chega-nos agora o orçamento camarário no valor de 103 contos! Quem vem ao encontro desta grande necessidade, absolutamente basilarda, de depositar a importância referida para que as obras se

Cont. na TERCEIRA página

Malanje

Fui à sanzala X. Metade de la católica, metade protestante. Contraste vivo e chocante.

Na protestante: Casas mais alinhadas, mais limpas e bem feitas, ruas capinadas e varridas; a sua capela; eles, limpos, nunca passando sem fazerem as suas orações em comum; crianças mais alegres e sadias. Há uma base. Adivinha-se uma estrutura. Um ambiente de respeito que nos consola.

Na católica: Sempre que vou nos domingos, encontro alguns homens bêbados; tudo mais sujo e sem gosto; crianças mais tristes e esquecidas; desinteresse pela capela e pela oração; falta de qualquer coisa; fico triste. O que é?

Devemos meditar. Copiar sem medo as lições que nos dão os irmãos.

x x x

Mais uma arrancada no desbravamento da nossa quinta. Mais uma vez a Sonefe nos emprestou o tractor de lagartas. Que seria de nós se esta empresa não pusesse à nossa disposição, já pela terceira vez, um tractor?

Também a Sacor, Texaco, Mobil e Fina nos responderam sim com gasóleo para ele comer.

O Senhor General dispensou-nos o nosso Manuel Pinto Oliveira que sabe do dito, e assim, lá anda ele roncando de manhã à noite.

Por
Padre Horácio

— «Já há muito tempo que não dou notícias e a Páscoa passou sem a minha presença.

Espiritualmente, pelo menos, estivemos convosco. Fisicamente estivemos presentes aqui.

Quinta Feira Santa associámo-nos à família da nossa casa de cá e participámos do Grande Banquete. No fim houve festa e alegria. Nós passámos uma Páscoa feliz. À tarde, fui com as minhas filhas ao hospital visitar doentes. É extraordinário como já faz bem às meninas sentir nos outros a ausência do que de bom elas gozam. Deixámos presença e algumas amêndoas a quem nem sequer as tinha ainda provado. Numa enfermaria, um europeu só entre africanos. Achei-o solitário e aproximámo-nos. E o rosário seguiu. É agricultor. Desbravou terras. Não tem cá ninguém. Apanhou a malásia e baixou ao hospital. Uma injeção estragada que lhe ministraram e foi o fim. Ali está Job. Deus lhe deu... Deus lhe levou. Há seis meses! E lá ficou o nos-

Cont. na QUARTA página

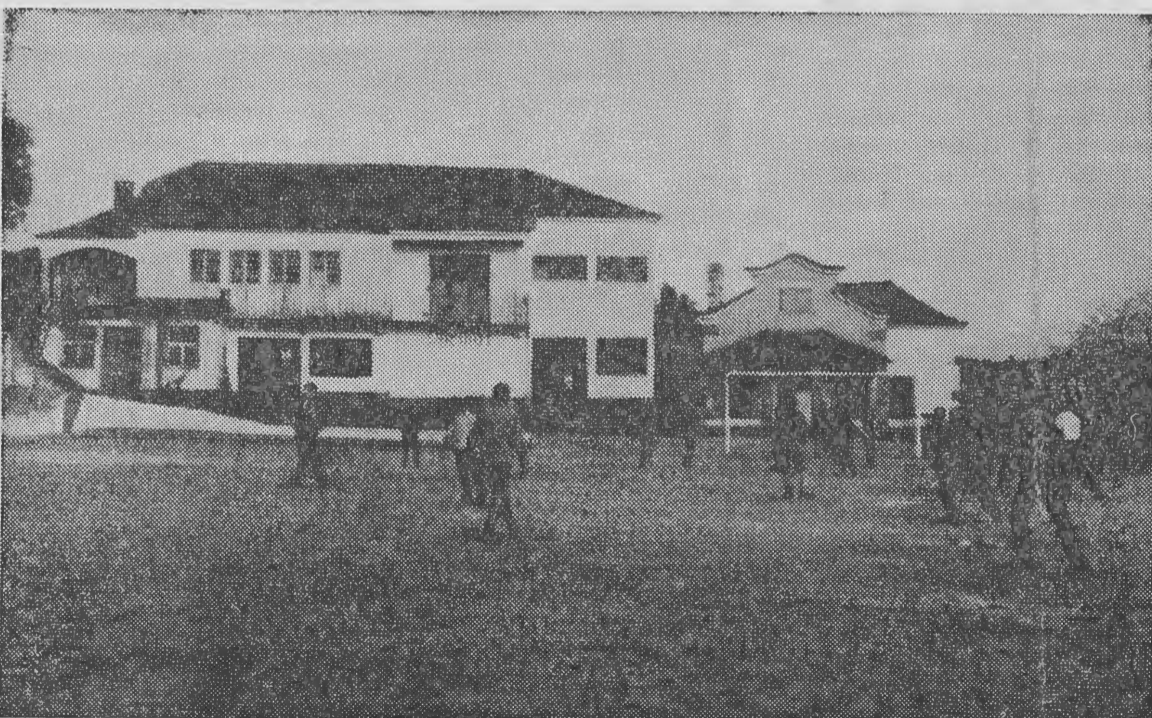
Padre Telmo



A carta chegou numa hora cinzenta. As boas e as más notícias dos nossos rapazes fazem parte da alegria e da amargura das horas de cada dia. Naquele

dia, a atitude de um trazia-me amargurado.

Esta carta de quatro folhas, que o avião trouxe até Lisboa, veio aliviar-me um pouco:



Miranda do Corvo — Campo de futebol com escolas e oficinas, lugares centros de promoção da criança abandonada.

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

FESTAS — As nossas Festas estão em andamento. Este ano até tivemos ensaiadoras estrangeiras! Duas professoras primárias belgas que nos ofereceram dois dias das suas férias para nos ensinarem duas danças muito bonitas que à custa de esforço, os nossos Rapazes aprenderam. Este ano as nossas Festas são uma beleza. Quem for ver a nossa Festa até pensa que nós somos ricos, mas está enganado, pois pensa mal. Nós vivemos à custa do esforço de todos, na nossa Casa; todos ganham o pão com o seu suor. Não vamos fazer as Festas só para trazerem dinheiro, mas sim para levarmos amizade a todos quantos nos amam. Nós sabemos fazer qualquer coisa no palco, pois esforçamo-nos por amor. Começamos na Lousã. A sala estava composta. Os nossos amigos da Lousã e arredores ainda nunca a quiseram encher. Em tudo nos receberam muito bem. A seguir marchámos para o Luso, pela primeira vez. A sala estava cheia. Depois fomos todos a Coimbra, nossa conhecida de há muitos anos e lá tornaremos segunda vez no dia 21 de Maio. Coimbra foi a melhor em alegria.

LAVOURA — As nossas batatas já estão semeadas. Já começamos a semear o feijão e a plantar os tomates. O nosso cebolo está uma beleza. O Elísio já começou a lavrar a terra com o tractor que será para o milho e feijão. As nossas árvores de frute foram podadas e levaram um remédio contra o mildio. Esperamos que carreguem de frutos.

JARDINS — Os nossos jardins estão todos reparados: foram cavados e levaram uma camada de estrume; foram plantadas novas plantas e esperamos que dêem lindas flores para enfeitarem a nossa capela e o nosso refeitório. Podemos agradecer ao Casimiro; foi ele quem tomou reparo nessas coisas e soube tratar disso durante as férias.

Carlos Gomes

CALVÁRIO

A GRANDE SEMANA — A semana que antecedeu a Páscoa não foi para nós uma semana qualquer.

Houve leituras e explicações apropriadas, de uma forma clara, dando a cada um de nós a noção exacta de que Cristo não é um mito.

Isto aconteceu nos quatro dias antes daquela Ceia que marcou o início de uma maior comunhão com os sofrimentos que Cristo passou — por amar todos os homens.

Como é bom, como é agradável viverem os homens em unidade! Assim dizemos para revelar a todos a grande satisfação que sentimos em Quinta

feira Santa. Primeiro, pelo rico manjar com que alguns amigos nos mimosearam. Não se contentaram em ter trabalho na confecção de tanta coisa boa para o nosso apetite corporal; vieram saborear e compartilhar da alegria bastante diferente do habitual, no nosso salão de festas. Segundo, pelas alegrias interiores de cada um. Sendo tudo baseado naquela certeza: Quando o Senhor restaura algo em nós, opera maravilhas! E assim foi.

Depois, acabada a segunda parte da nossa ceia, que constou da Celebração Eucarística, procedeu-se a uma Procissão Eucarística para a capela aonde se procurou reviver os momentos anteriores em que Cristo morreu na Cruz.

Em Sexta-feira, ao celebrarem-se as cerimónias verificámos que a nossa Cruz é uma ténue amostra da d'Ele.

Veio Sábado. Foi então que no fim das cerimónias tão vivas e ricas de conteúdo verificámos que Deus estava no meio de nós!

Bem se recordam de ler em «O Gaiato», as condições em que vivia o senhor Agostinho. Pois bem; Deus quis levá-lo nesses dias. Hoje temos uma grande convicção: de que foi gozar a Verdadeira Páscoa — tal a paz e serenidade com que nos deixou! Não teremos nós razão para estarmos contentes com a forma como decorreu a Grande Semana?!

Por isso, e embora já o devermos ter feito, expressámos estas notícias, não com a mira de preencher espaço, mas para que fiquem com uma pequena ideia do muito que pode a estima dos homens e, sobretudo, a Bondade de Deus!

Manuel Simões

Paço de Sousa

VISITANTES — Principiou a Primavera. Começou o movimento em nossa Casa. A nossa Casa, aos domingos, parece mais uma cidade, e os nossos cicerones não dão conta de tanta gente desejosa de a conhecer em pormenor.

JARDINS — com o aparecimento da Primavera os nossos jardins estão cada vez mais bonitos. As árvores e o chilrear dos passarinhos convidam-nos à poesia, ao descanso — e à leitura amena e proveitosa.

FUTEBOL — O nosso onze continua em descanso. E as pernas estão cada vez mais enferrujadas! Clubes desportivos, quando quiserdes defrontar algum grupo, o nosso está sempre disposto para um encontro. É só escrever para o nosso treinador ou para a nossa Casa, que quase todos a conhecem.

MELHORAMENTOS — Mais um melhoramento! Foram colocados candeeiros rústicos — muito giros — junto das nossas casas. Uma grande ideia do Sr. Padre Abraão para dar mais vida à nossa Aldeia, de noite.

O nosso hospital ainda continua em obras, que já estão a saturar, porque era tempo de estar pronto. Esperamos que terminem rapidamente

para arrumarmos com os problemas da nossa Tipografia...!

OS NOSSOS TROPAS — Regressou do Ultramar, mais um dos nossos — o nosso «Navira». E dentro em breve, esperamos mais um ou dois. Entretanto vão deixar o nosso convívio mais dois: o Tónio, nosso chefe maior e o «Macau». Vamos ter eleições... Acontecimento aguardado sempre com grande expectativa.

Luís Nunes Marques

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

DONATIVOS — *O Tempo Pascal foi bem nutrido, materialmente, graças a Deus — apesar do nosso silêncio forçado, pela azáfama das Festas!*

Além das presenças habituais, vieram outras engrossar a coluna. E dar condições materiais de podermos valer — na medida do possível — a todos os casos que temos em mãos. E aos que surgirem, eventualmente.

Aí vai a procissão. Com a chave da porta, segue uma funcionária dos CTU, de Lourenço Marques, com o imposto de 20\$00 — em nota metropolitana! Que dificuldades ela teria para a conseguir!! Este problema deixa de o ser para os potentados — que planificam a longo prazo. E as contas saem sempre certas!...

Outra vez aquela oportuna e simpaticíssima presença com a legenda: «Para os meus irmãos da Conferência de Paço de Sousa envia com muita amizade 600\$00 uma Assinante do Seixal». Ó santa discricção!

Mais o costumado da assinante 17022. E outra migalha da Rua das Mercês — Porto, «sem nome no «Famoso». Esta é velha linha de rumo de «O Gaiato»!

Agora, é Lisboa com «uma pequena importância para o almoço de um Pobre no Domingo de Páscoa, em nome de Jesus Ressuscitado, ou, então, para juntar aos outros donativos desinados aos Pobres da Conferência, para o mesmo fim. Como entender melhor!» A delicadeza cristã é assim mesmo.

Segue Alvide com 50\$00 «para os seus Pobres». E o assinante 1174, velho amigo de Carviçais, com o remanescente das contas com «O Gaiato».

Da mesma forma a «Viúva do Porteiro», dádiva amassada em sangue, suor e lágrimas de alegria. Não é um paradoxo. Mas um facto da vida real.

Atenção ao Barreiro, terra das máquinas, das tecnologias — e, também, da poluição: «Envio 50\$00 para a Conferência... Estou já com 70 anos e, por isso, pronta para uma mais ou menos próxima chamada do Senhor...». Temos pena de não poder transcrever, na íntegra, quanto diz esta amiga — fermento de Graça para nós todos, pobres pecadores de sete vezes ao dia.

Mais «uma pequena ajuda das Duas

Irmãs V. M., de Lisboa. E mais outra, comparência agradável, da Horta — Açores. E a presença da assinante 17740. E mais 80\$00 do Parque dos Anjos — Lisboa. Finalmente, 50\$00 amassados na Graça da santa pobreza, da nossa amiga Leonor.

Os donativos devem ser enviados à Conferência de Paço de Sousa — Jornal «O Gaiato» — Paço de Sousa.

Júlio Mendes

SETÚBAL

OBRAS — Ninguém tem reparado nas nossas obras. Até nós não repararíamos se não fosse isto e aquilo que vamos comprando a crédito ou a dinheiro.

Depois do Lar, ainda à espera de acabamentos, veio o refeitório, a cozinha, mai-la piscina da «Casa grande».

PADERO — «Montemor» é o padeiro. Hoje fui comer à «Casa grande» e regalei-me de saborear o pão, por estar tão bem cozido. Fui ter com ele, elogiei-o e perguntei-lhe porque não cozia sempre assim. «Que não tinha rôdo». Amanhã vou fazer um rôdo para o «Montemor», para ver se o pão aparece tão fofinho como o que saboreei hoje.

Ernesto Pinto

TOJAL

CAMPO — Já entre nós se saboreiam as favas, tão ricas em fósforo.

Entretanto as ervilhas começam a apresentar as suas vagens. Espera-se dentro em pouco começar a comer ervilhas guizadas com batatas.

Com a chegada da Primavera, tudo toma um ar mais alegre e colorido. Os passaritos, atarefados na construção das suas casas, não deixam de dar o seu chilrear, de variadas notas. As árvores e arbustos floridos, contribuem para um colorido, que não se encontra noutra estação qualquer. É de assinalar as árvores carregadas de flores, sinal portanto de que iremos ter um ano frutífero.

FESTAS — A maior parte dos nossos Rapazes, nesta Casa, já por esta altura assistiram a várias festas dos Gaiatos que se têm realizado em outras localidades. Entretanto, nós temos a nossa Festa, na Capital, a 11 de Maio, como deve ser do conhecimento de todos os nossos leitores. Pelo andar da carruagem, apetrechados com as ideias dos Rapazes acima referidos, prevê-se que, dentro em pouco, os ensaios atinjam o auge e que a Festa seja uma das maiores.

SELOS — Não sei se terão esgotado todos os selos usados existentes, ou se os nossos leitores deixaram de ter

correspondência. Mas o certo é que a nossa campanha está muito em baixo, por motivo dessa falta de selos. Não importa que cada leitor mande muitos, mas se assim acontecer, melhor. Agora com o pouco de cada um, de certeza que se formará muito.

FERROS — O pedido feito já há tempos, aqui no «Famoso», foi atendido por vários leitores. Até houve quem nos mandasse um ferro novo. Nós não pedíamos tanto! Sinal muito positivo para nós, de que o nosso Jornal é lido e os pedidos atendidos com muito carinho. Para todos os nossos muito obrigado.

FUTEBOL — Embora o Benfica — Ajax, chamasse sobre si todas as atenções, para nós passou quase despercebido! O mais importante foram os jogos aqui disputados. Todos trouxeram a vitória para o nosso onze.

Que venham todos, novos e velhos, que aqui receberão conselhos (de futebol).

Cronista X

Diário de um Soldado

A noite já vai alta. Tudo dorme. O silêncio reinante é pavoroso, fazendo lembrar a guerra.

A guerra... A noite... Que triste semelhança!

A noite e a sua escuridão; a guerra e as suas ruínas. A expectativa de um novo dia, cheio de luz, cheio de vida; a expectativa de uma reconciliação entre os homens — que tarda a nascer, para cedo morrer.

A guerra, a noite — lá continuam. Juntas percorrem os mesmos trilhos, os mesmos caminhos, lançando uma e seus vampiros na outra, na ânsia de alcançarem juntas as suas vítimas.

Ruídos ouvem-se algures. Talvez seja um ladrão. Ele ama a noite. Lá longe, no campo de batalha, ouve-se o rebaratar das bombas. Talvez seja o homem. Ele ama a guerra.

A noite feita pela natureza divina; a guerra feita pela natureza humana. Um duo, uma junção tão harmoniosa, que cedo se formam para nunca mais se separar.

F. M.

Visado pela Comissão de Censura





VISTAS DE DENTRO

O dia começou por aquela neblina pouco densa que anuncia bom-tempo.

Saí de casa e não me apeteceu seguir o caminho mais directo à Capela. Nos galinheiros, Miguel servia o primeiro almoço à sua criação. Enquanto tal, cantava a plenos pulmões. Nas casas havia música, também. Na cosinha era o Paulo a preparar o café da comunidade. De um lado o fogão, onde ele metia lenha, quando passei. Do outro uma grande pintura a guache esperava as atenções do intermitente artista. Não sabia que Paulo era também cultor das artes plásticas!...

Depois da Missa fui até ao campo onde fazia ginástica o primeiro turno. O sol rompera já e tudo rebrilhava. Que linda a nossa Aldeia! Veio-me à lembrança uma hora difícil, 16 anos atrás. O mesmo sol, iguais flores, perfume semelhante, idêntico percurso a despedir-me por algum tempo da nossa Aldeia tão linda.

O que a vida nos trouxe desde então...! É tão cheia, tão rica a nossa vida! Era impossível não a amar!

x x x

Uma tarde destas no recreio do meio dia, Raimundo Branco mandou-me chamar: — Sr. Padre que venha ao pé do balneário.

Fui. Era para assistir à sessão do 2.º Festival da Canção, anunciado em grande cartaz para a 1h e 15.

Uma cintura de corda de sisal enfeitada com bandeiras

de papel colorido definia o lugar da exibição. Em volta o grande círculo dos espectadores. A jogar pelo seguro, outro cartaz:

«Pedimos o favor de não estragar nada. Cuidado com as sebes».

O acompanhamento instrumental era feito pelo Paulo com sua bateria de latas velhas e um bombo percutido por um talo de couve. Mas tocava mesmo e marcava o ritmo, eficazmente. Outra latinha furada por um cordel era o microfone portátil que os cantores empunhavam. Ao fundo do recinto, o Juri que havia de classificar o vencedor.

Paulo abriu o espectáculo com o seguinte discurso:

«Hoje, aqui na sala do Teatro Nacional S. Caio ao ar livre, temos a honra de apresentar o segundo festival do Grande Prémio da Canção Desclassificada».

Este festival deve-se à estúpida gentileza de invenções Paulo Mandão; o Juri, como é do conhecimento de todos os espectadores, votará na canção desclassificada. Por esta razão trazemos mais um aparelho que os S.rs não vêem, mas chamam-lhe computador. Na realidade mais parece a máquina de descascar batatas.

Não trazemos nenhum pacote de amêndoas para não precipitar os gulosos.

Agora sim; vai dar-se início ao espectáculo desta tarde. E que ganhe sem dúvida a desclassificada. Sem mais, suponho que não há mais nada para dizer.

S.rs porteiros fechem as cortinas devido às correntes de ar.»

E o espectáculo decorreu entre aplausos dos diversos grupos de claqué.

Intervieram Marcelino, Quim, «Herói», «Formiga», «Penacova», «João Ratão», «Capitão» e deveria ter actuado o Candeias, que não apareceu.

Foi-se ao apuramento e ganhou «Capitão» com 76 votos, logo seguido pelo «João Ratão» com 75.

Assim passou aquela hora de recreio alegre e divertida!

x x x

O «Toneco» é o segundo mais pequenino da nossa Casa. Cinco anos agora feitos, muito vivos, muito maduros, fazem dele o menino-bonito de toda a gente. E como ele é galito de campo — não quer capoeira — sai de casa de manhã e anda todo o dia por aí, de modo que a sua popularidade não sofre excepção.

Tónio, o chefe-maioral, ensinou o «Toneco» a chamar-lhe pai e a mim avô. Claro que eu refilo com a graça. E quando estou ao pé dos dois pergunto ao «Toneco»: — Quem sou eu? Quem é o pai?

Ele olha maroto para o Tónio e aponta com um gesto um nadinha ambíguo para mim. Mas mal volto costas, aponta logo para o Tónio.

Ora o político!

x x x

Sempre assim foi — e o que tal contribui para o ambiente familiar! — mas agora tenho-o notado mais intenso: o carinho dos mais velhos pelos mais pequenos. São os «ultra batatinhas» sempre por aí de mão em mão. É o fim de semana e um ou outro do Lar que não aparece sem trazer umas gulodices para eles. É um chefe de casa, que fez há pouco vinte anos, mas gasta as horas de recreio com os seus Rapazes, como se fôra um deles.

Domingo, o responsável pela limpeza de uma das casas veio pedir-me se o deixava levar os seus Rapazes da limpeza a dar uma volta lá por fora. E lá andou ele mais eles a passear quase toda a tarde!

E ainda há quem venha para cá com técnicas e divisões e especialidades! A Família é assim: quanto mais diversificada, mais rica em potencial de afecto.

Como fiquei feliz, aquele domingo, com a justiça e fidal-



O «Toneco» — menino-bonito de toda a gente!

guia daquele convite: «Deixe-me levar os moços a passear lá fora. Eles merecem!»

x x x

Tenho pendurado do lado de fora da porta um recado escrito de uma vez para sempre pelo meu secretário geral, ilustrado Manuel Pinto:

«Interdito!

Não entre.

Obrigado!»

O pior é que o papel está alto. E uns não sabem ler. Outros não ligam ao papel. De modo que ele não funciona tanto quanto se esperava e era bem preciso.

Há pouco foi o «Bébé». Esse nem chega ainda à porta. Bate e espera. Eu já o conheço pelos passos. Vem pelo beijinho de todas as manhãs.

x x x

Um dia destes não se parava na casa-mãe com o cheiro a cera queimada.

A senhora telefonou-me do seu refeitório: — Sr. Padre, os cozinheiros...

— Mande-mos cá, por favor.

Veio o «Gágá» e explicou como a lenha está verde e que, não arde bem, ele aproveitou uma ida à dispensa, surripiou umas tantas velas e esfregou-as nas achas de pinho, «para arder melhor». E vinha cheio de razão!

Ora «Gágá» andou a estudar e ficou em meio porque não estudava. Ele havia de saber! Mas, nem gastando eu o meu latim a explicar a diferença entre combustível e comburento, ele estava muito disposto a aceitar.

De modo que quase o caldo se ia entornando e lhe ia pondo a arder o sítio próprio para se dar com uma acha untada de cera ou por untar.

Aqui, LISBOA

Cont. da PRIMEIRA página

processem. Deus e os homens não nos podem deixar mal em tal tarefa, que, se é por amor do Primeiro, não deixa de ser por amor dos segundos.

x x x

Em vários escritórios e oficinas, particulares ou oficiais, a Casa do Gaiato de Lisboa e toda a Obra em geral, merecem o maior carinho e desvelo. Hoje queremos assinalar aqui, com uma palavra de profunda gratidão, tudo o que devemos aos nossos Amigos da Mobil, do Banco de Portugal, da L'Air Líquide, do Montepio Geral, da Império, dos vários departamentos dos C. T. T., entre outros. Um aceno de simpatia especial para os(as) «carolas» que movimentam toda a «engrenagem» amorosa de que somos alvo. Bem hajam todos.

Padre Luís



Foi-se ao apuramento e ganhou «Capitão» (ao «microfone»), com 76 votos.

Areias Do Cavaco

Cont. da PRIMEIRA página

x x x

vossa paternidade e maternidade para além do pequeno mundo de vossos filhos carnis, estareis a pintar quadros lindos como este!

x x x

Outra vez em fim de tarde. Tarde quente de meados de Abril. Vem recado de que alguém me procura. Era pessoa já nossa conhecida e amiga de há muito tempo. Conheceu de perto os primeiros passos de Pai Américo.

Os seus escritos são luz no seu caminhar. Vive inquieta. Abençoada inquietação que não a deixa viver no seu egoísmo, mas leva-a a debruçar-se sobre os outros. A sua inquietação comunica-se em seu redor. Por isso deixa transparecer felicidade.

Funcionária de serviços que requerem, para além do sério cumprimento de dever uma doação que é verdadeiro sacerdócio, aproveitou a ocasião do pagamento dos honorários para lembrar os seus companheiros de trabalho, desde os mais qualificados aos mais humildes, o quinhão dos Pobres. E veio depositá-lo, feliz, em nossas mãos. Obrigado!

Chegam-nos queixas, muitas queixas, pelos vendedores de «O Gaiato» de que não damos notícias regulares. Muitas vezes nos penitenciamos desta falta e muitas mais temos falhado. Hoje mesmo uma queixa amorosa: «Queremos saber notícias vossas e não no-las dão! Não está certo!» Quanto interesse e carinho por nós nestas queixas. Como vão as obras? E os rapazes? São perguntas de todos os dias e de todos os encontros. Sejam bemvindas.

Vamos ultimando os preparativos para a ocupação das novas casas da Aldeia. Quem sabe se, quando estas notas saírem à rua, já lá estaremos? Não haverá barulhos; nem jantares; nem programas especiais. Ocuparemos e nada mais. A festa será no fim, quando tudo acabado. Até lá continuaremos a lutar de mãos dadas convosco, muito unidos à porção mais querida da nossa herança que são os Pobres e dentre estes os mais pobres. Sentimos o peso da carga nesta fase da nossa caminhada. Quem quer tomar à sua conta um dos colchões dos 125 que compramos mas ainda não pagámos? Até breve.

Padre Manuel

Cont. da PRIMEIRA página

so homem resignado e cheio de esperança... Foi a nossa amêndoa daquela tarde de Páscoa.

No emprego também tem corrido bem. Fui aumentado e recebi a primeira «surda». Graças a Deus. Reparti do que me foi dado.

Nós desejamos a Paz.

Saudades a todos e beijos das meninas.

Um abraço muito amigo dos seus F. e F..»

Muito obrigado meus filhos, pelas amêndoas da vossa carta.

A primeira amêndoa é a da vossa Páscoa espiritual. Participastes do Grande Banquete e quisestes associar-vos à nossa família daí. Não podia haver festa e alegria autênticas sem a participação do Grande Banquete. Tantas vezes sentimos a ausência dos nossos!...

A segunda amêndoa é a da vossa Páscoa com os doentes. Não podemos separar os sofrimentos de Cristo do sofrimento dos homens. Não podemos viver a Páscoa sem vivermos o mistério da Cruz. Talvez para muitos doentes a vossa presença tenha sido a presença de Cristo ressuscitado!



Outra amêndoa é a do zelo na educação das vossas filhas. Ensina-las a viver o mundo de todos os homens. Que elas vejam e sintam a vida dos que não são amados e também dos que não têm amor.

Outra amêndoa muito sabrosa é a do vosso repartir. Com ordenados bons e com «surdas» frequentes deve ser muito fácil cair-se no amontoar ou no esbanjar. Dai graças a Deus e que Ele continue a ensinar-vos a repartir sempre. Nunca vos fecheis aos sofrimentos e à vida dos outros.

Muito obrigado pelas amêndoas da vossa Páscoa.

x x x

FESTAS

Temos sentido a participação e alegria de todos.

O Teatro Avenida de Coimbra extravasou. Foi cheio, quente e alegre. Muitos dos que foram e os que não puderam ir obrigam-nos a voltar lá no domingo 21 de Maio, às 18,30 h.

Vamos entretanto continuar a romaria do Centro. Atenção às Festas na próxima quinzena:

Seia 30 Abril
Buarcoç (Fig. Foz) 3 Maio
Pombal 6 «
Avôlar 7 «
Lagares da Beira 13 »
Vila Nova de Ceira ... 14 «

Padre Horácio

x x x

E chamamos a atenção dos nossos amigos do Sul para a Festa no Monumental — LISBOA 11 de Maio.

UM PEDIDO

Aos assinantes do Jornal e da Editorial

Adopte um só nome — Para evitarmos problemas, queixas injustificadas, etc. e simplificarmos o serviço:

1) Se em vossa casa receber o Jornal e obras da Editorial em nomes diferentes (marido e esposa, pai ou mãe e filho(a), avó e neto(a), tio(a) e sobrinho(a), etc.), faça o favor de no-los indicar e de frizar qual deles prefere no ficheiro (e no endereço das publicações);

2) Sempre que nos escreva, respeite — com exactidão — o nome inscrito em nosso ficheiro (e não faça uso do nome inteiro, por exemplo, se na inscrição figurar o abreviado).

3) Remessas de valores — Quando expedir remessas em cheque, vale do correio, etc.:

a) Respeite o nome inscrito no ficheiro;

b) E faça acompanhar os valores de um simples postal, frizando o(s) destino(s) da(s) importância(s).

4) Mudanças de residência — Se mudar, ou mudou, de residência, comunique-nos já a nova morada e a anterior, respeitando sempre o nome indicado nos endereços do jornal ou da embalagem do livro da Editorial.

Colabore connosco! Muito obrigado.

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

EM DISTRIBUIÇÃO

A reedição do segundo volume do «Isto é a Casa do Gaiato»

• ADVERTÊNCIA

A laia de introito, achamos por bem frizar que o livro em distribuição é o segundo volume do «Isto é a Casa do Gaiato». Assim, evitamos confusões, motivadas por duas causas: Nos números anteriores (salvo o último) termo-nos referido com pouco destaque ao segundo volume; e ser a capa, gráficamente, igual à do primeiro, com excepção da cor.

Agora, com este aviso, parece-nos que os habituais leitores do «Famoso» — sobretudo os mais descuidados por atribulada vida de trabalho — evitarão, com certeza, devolver esta preciosa obra de Pai Américo, que pediriam logo na volta — como já sucedeu — esclari-

recidos da confusão. Eis o motivo da advertência!

• A EXPEDIÇÃO CONTINUA

Quando este «Famoso» sair à luz do dia, contamos já ter servido mais de metade dos assinantes da Editorial.

Na encadernação está «Zip-Zip», Martins, «Campanera», «Zucaca» e «Recocheco». Aqueles dois no aparato; os três restantes no alceamento.

No escritório está o Veiga, de pincel na mão, colando capas. Ele é o exemplo da calma rendível! Por isso, delicio-me ver a estante cheia de livros, a expedir mal termine a saída de «O Gaiato».

Ainda no escritório, mais ao fundo, procede-se à remodelação e actualização do ficheiro. É Raimundo, «Eusébio», Ave-lino, e Manuel Pinto quando pode. Fichas arrumadas e conferidas, entra «Eusébio» de

serviço da máquina, imprimindo endereços nas embalagens. Ao lado, noutra mesa, um pequeno exército, composto por Elísio, Manuelzito, Sabino, Toninho & C., coloca um impresso — com oportuno aviso — em cada livro, antes de ser introduzido na embalagem endereçada.

Toda esta linha de trabalho — sobretudo pelas naturais limitações, do grupo mais jovem — causa muitas dores de cabeça. Até os escriturários do **totobola** — Raimundo, «Eusébio», não falando já dos estudantes. Entenda-se por **totobola** o pe-

queno rectângulo quadriculado, no topo das novas fichas da Editorial, com referência numérica das obras editadas e por editar, para assinalar com vários X, consoante os livros na posse do respectivo assinante. Não é fácil, realmente, a notação correcta dos felizes contemplados — da década de 1950 — com as primeiras obras do nosso prelo. Mas naquele tempo ainda não sonhávamos com a **Informática**... Agora, porém, tentamos modestamente — neste campo — erguer-nos do caos; e vamos procurando acompanhar o progresso.

• CORREIO DOS LEITORES

Já começaram a chegar as primeiras reacções ao segundo volume do «Isto é a Casa do Gaiato»!

Aí vai uma (entre muitas), recebida ultimamente. É de Vila Meã:

«Pela remessa do 2.º volume «Isto é a Casa do Gaiato», vi

que o meu amigo não se esqueceu do pedido que lhe fiz. Para ajuda do mesmo envio 50\$00.

Este livro não tem preço e mesmo não há dinheiro que o pague. Todo ele é uma riqueza, pois ensina-nos o caminho para o Céu!

O 1.º volume li-o dum só fôlego; mas o 2.º vou saboreá-lo durante muitos dias meditando as suas passagens ocorridas com os vossos irmãos gaiatos, para assim tirar todo o proveito e aprender o Caminho que toda a humanidade devia seguir. Todos somos pecadores, mas que o reconheçamos e que nos emendemos. Se assim todos fizessem não se deparariam aos nossos olhos as incompreensões do dia a dia. Que mundo desvairado! Que Deus nos ilumine e aumente a nossa fé. Adeus meu amigo. Um abraço para si e para todos quantos trabalham nessa Casa, não esquecendo os pequeninos.»

• MUTA ATENÇÃO AO POSTAL REQUISIÇÃO

Graças ao interesse demonstrado por leitores habituais — e, sobretudo, muitos eventuais — do nosso Jornal (a quando do lançamento do primeiro volume da colecção «Isto é a Casa do Gaiato»), resolvemos enviar a todos — sem excepção — um postal-requisição, muito prático para quem desejar receber os livros da nossa Editorial e, simultaneamente, inscrever-se como assinante.

O postal, supomos, é suficientemente explícito. Basta só discriminar a obra ou obras desejadas, registar com clareza o nome e morada do requerente, colar um selo de \$50 — e pôr na caixa do correio. Se o leitor já for assinante de «O Gaiato» faça o favor de respeitar exactamente o seu nome e morada, impressos no endereço do Jornal. Entendido?

Júlio Mendes

